
APRESENTAÇÃO

VOLUME 23, NÚMERO 2, 2024

A *Revista da ABET* abrange uma ampla diversidade de temas e publica artigos com diferentes abordagens metodológicas. Esta edição contempla um conjunto de artigos selecionados a partir da avaliação de um corpo qualificado de pareceristas.

A atual edição começa com o texto de Gerry Rodgers, *“Ficção, pistas falsas e realidade: algumas reflexões sobre o futuro do trabalho nas periferias”*. O texto analisa o futuro do trabalho sob diferentes prismas históricos e sociais, explorando as periferias econômicas interdependentes: o Brasil na economia global, o Nordeste na economia nacional e os trabalhadores nas margens do mercado de trabalho. Examina visões históricas do tema em quatro períodos distintos e evidencia como as expectativas variaram entre otimismo e pessimismo. Conclui que o futuro do trabalho não é inevitável, mas depende de instituições sociais e políticas capazes de orientar os sistemas produtivos para objetivos sociais.

O artigo de Pedro Marchioro, *“O “baiano” entre as migrações internas e o neo-escravagismo no Rio Grande do Sul”*, revisita o estigma do “baiano” no contexto do trabalho realizado no Polo Naval de Rio Grande (2013–2016), diante das recentes denúncias de trabalho escravo no estado. O autor correlaciona os conflitos culturais e os processos de estigmatização de migrantes com as formas extremas de exploração que configuram a alienação total dos trabalhadores.

No artigo de Luanna da Silva Figueira, *“Os avanços da tecnologia no trabalho: direito de desconexão frente à proteção social”*, a autora discute como a intensificação tecnológica no ambiente laboral ameaça o direito à desconexão. Analisa, em perspectiva comparada, especialmente com a legislação francesa, os riscos do uso ilimitado da tecnologia, que podem ferir os direitos sociais previstos na Constituição ao ultrapassar os limites da jornada de trabalho.

No artigo *“Emprego formal em ciência e tecnologia: onde estão e o que fazem as mulheres?”*, Elianara Santos contribui para o debate sobre as desigualdades ao mapear, com base em dados da RAIS 2022, a inserção de mulheres no mercado formal de ciência e tecnologia. O estudo revela a concentração feminina em setores de serviços e em funções ligadas ao cuidado, além da sub-representação em postos técnico-científicos. Essa análise evidencia como as barreiras de gênero se reproduzem mesmo em áreas estratégicas e de alta qualificação, oferecendo subsídios para compreender as desigualdades estruturais no mundo do trabalho científico e tecnológico.

Patrícia Lemos, no artigo *“Trabalho, migração e reprodução social na costura: trabalhadoras bolivianas em São Paulo”*, discute a articulação gênero, raça e migração para a análise da precarização laboral. Com base em pesquisa de pós-doutorado, a autora mostra como trabalhadoras bolivianas da costura em São Paulo vivem condições de exploração extrema, ligadas à redução sistemática dos custos de reprodução social. O estudo reforça a compreensão da informalidade e do trabalho escravo contemporâneo como centrais na acumulação de capital, conectando a realidade local às tendências globais de flexibilização e precarização.

O artigo de Gabriel Ulbricht, *“Entre o desemprego e a informalidade: experiências e narrativas laborais de jovens trabalhadores na cidade de São Paulo”*, investiga como o desemprego e a informalidade moldam as trajetórias de jovens trabalhadores em São Paulo. A partir de entrevistas qualitativas, o autor revela a instabilidade e a insegurança vividas por esses jovens em sua entrada no mercado de trabalho. Também discute como estes percebem auxílios sociais e vínculos formais (carteira assinada), frequentemente desvalorizados pela narrativa neoliberal, mas que permanecem centrais em suas experiências de sobrevivência diante da precarização.

No artigo *“Do físico para o digital: uma análise sobre o novo trabalho bancário”*, Camila Brenner Godinho, Katiúscia Schiemer Vargas e Carolina Freddo Fleck analisam as transformações ocorridas em uma agência digital do Banco Farroupilha diante da digitalização do setor bancário. A pesquisa qualitativa mostra mudanças na organização e nos processos de trabalho, indicando melhoria na comunicação interna, incentivo à inovação e necessidade de novas competências, como flexibilidade e agilidade. Os resultados também apontam para a satisfação dos funcionários com o novo modelo, destacando tanto desafios quanto potencialidades do trabalho bancário digital.

No artigo de Luan Sant’anna de Sousa, Giovanni Frizzo e Franciele Ilh, intitulado *“A precarização do trabalho na indústria fitness: a informalidade como regra para professores e professoras de Educação Física”*, os autores se debruçam sobre as condições de trabalho de docentes de Educação Física em academias de Pelotas/RS. A pesquisa identificou informalidade predominante, baixos salários, múltiplos vínculos e ausência de perspectivas de carreira. Os entrevistados relataram insatisfação com as condições laborais, reforçando a precarização e o “não-lugar” da profissão. O estudo evidencia como o desmonte dos direitos sociais e a intensificação da jornada impactam negativamente na qualidade de vida e na permanência desses trabalhadores na área.

Maria Júlia Tavares Pereira, no artigo intitulado *“Um estudo de caso sobre mulheres condutoras em plataformas de transporte em Juiz de Fora/MG”*, investiga as experiências de mulheres motoristas em plataformas como Uber e 99 na cidade de Juiz de Fora. A partir de entrevistas, interações em grupo de WhatsApp e materiais institucionais, a autora mostra que a promessa de flexibilidade não se concretiza para essas trabalhadoras. O gerenciamento algorítmico e o modelo de negócios das plataformas impõem barreiras a boas condições de trabalho, enquanto as soluções tecnológicas para casos de violência de gênero se concentram apenas nas passageiras, desconsiderando a segurança e o bem-estar das condutoras.

Por fim, o artigo de Junior Vieira de Oliveira, Fernanda Mendes Bezerra e Rosângela Maria Pontili, intitulado *“Comparação do perfil dos jovens diante da escolha entre trabalhar e estudar: uma análise para os anos 2019 e 2023”*, investiga, por meio de uma tabulação cruzada, como jovens brasileiros de 18 a 29 anos, não chefes de família, tomaram decisões entre trabalhar e estudar em dois momentos distintos: antes e depois da pandemia de covid-19. Fatores como localização, região e cor influenciam fortemente essas escolhas. Além disso, o trabalho identifica mudanças na estrutura familiar dos domicílios entre 2019 e 2023, revelando como a pandemia impactou as trajetórias educacionais e profissionais dessa geração.

Em conjunto, esses estudos revelam a complexidade e a diversidade do mundo do trabalho contemporâneo, marcado pela tensão entre inovação tecnológica, transformações históricas e persistência da precarização. Evidenciam que as formas de exploração não são homogêneas, e sim atravessadas por gênero, raça, classe, migração e juventude, que estruturam desigualdades e reforçam mecanismos de subordinação. Simultaneamente, mostram que o futuro do trabalho não está dado: ele é condicionado por instituições sociais e políticas, pelas resistências cotidianas e pelas disputas que podem redefinir direitos, condições e perspectivas de vida.

Adalberto Moreira Cardoso

Maria Aparecida Bridi

Patricia Vieira Trópia

Ana Paula D’Avila